

**“EDUCAÇÃO EM MUDANÇAS: RASTROS  
E CAMINHOS EM TEMPOS  
PANDÊMICOS”**

**A ALEGRIA COMO EXPANSÃO DOS MOVIMENTOS DO CORPO NO  
MUNDO**

Júlia Graciana Abegg  
Universidade de Santa Cruz - UNISC

Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

Como professora de teatro na escola de Educação Básica e pesquisadora no campo da educação e artes, o interesse acadêmico em estudar e interrogar o corpo como fenômeno carregado de memórias, disposto a explorar possibilidades mundanas de movimentos, emerge como modo de compreender essa vitalidade corpórea tão sensível quanto inteligível. Como afirma Michel Serres (2004, p. 15), “o corpo em movimento federa os sentidos e os unifica nele”. Nessa intenção de estudos, busco abertura para abordar os modos lúdicos do corpo mover-se *no* e *com* o mundo como desafio ao jogo de produzir sentidos sensíveis e sentidos sensatos na convivência escolar a partir do propósito de enfrentar, na pesquisa educacional, o enigma do “que pode o corpo?”.

Essa escrita aborda a significativa alteração no processo de investigação desencadeado, em 2019, nos encontros interativos entre os movimentos dos corpos promovidos pelas oficinas de teatro com alunos de 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede privada no município de Vera Cruz/RS. Hoje, 2020, decorrente da pandemia Covid-19, esse processo exigiu enfrentar adaptações virtuais para efetivar a continuidade da pesquisa em torno da relação entre teatro e educação escolar. Para enfrentar os desafios pedagógicos que implicam interações, comunicação e expressividade do corpo em movimento, foram necessárias diferentes estratégias para conduzir encontros orientados por temáticas corpóreas. Mas antes foi necessário seguir me reinventando como professora e pesquisadora com a convicção da relevância educacional de me aproximar dos alunos.

A pesquisa em andamento tem o propósito de fenomenologicamente percorrer caminhos que permitam aproximar educação, teatro e escola como ação intencional de reivindicar a compreensão de que o corpo sente e pensa, joga e narra em *estado de alegria* como estado mais potente do estar sendo no mundo com outros. Tal

compreensão requer escuta e olhar atento – e carinhoso – para aqueles que fazem parte dessa caminhada, pois serão eles, os alunos, os participantes dessa experiência reflexiva em torno da vitalidade do corpo na arte teatral. Aqui, não se trata de um estudo sobre o corpo, mas uma investigação cênica a partir dos movimentos dos corpos em interação lúdica teatral. O ponto de partida é o entendimento do corpo que joga, que é sensível e têm sentimentos, que vive situações de vitalidade a partir do encontro com o outro para tornar-se corpo criador. Corpo linguageiro capaz de valorar o vivido para produzir sentidos e significados que guiam sua existência. Para perseguir tal compreensão o que efetivamente é possível surge da articulação de narrativas de experiências vividas, de registros da experiência cênica em curso.

Segundo Heidegger, “a expressão “fenomenologia” significa, antes de tudo, um conceito de método” (HEIDEGGER, 2006, p. 66). A etimologia da palavra “método” provém do grego e significa via, caminho, viagem, e pode ser traduzida como caminho que conduz mais além (ABBAGNANO, 2007). Um caminho que implica descrição – e não explicação – do que ocorre na percepção do corpo sensível operante, o qual apenas entra em estado de criação quando afetado pelo mundo que o cerca. Assim, é possível acompanhar esse percurso do corpo desde propostas de aulas/oficinas virtuais e, por nunca terem assim sido vivenciados de forma síncrona, permite que a busca por outros caminhos seja válida.

Spinoza (2009) nos mostra que os afetos geram resultados em nossa forma de agir. O corpo quando sofre algum tipo de afecção, sua potência de agir é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida. Para tanto, a pesquisa se debruça naquilo que é capaz de gerar vitalidade em um processo de criação, como impulsionadora do agir, portanto a alegria tem um papel fundamental.

É no âmbito da alegria que identificamos em nós a possibilidade de experimentação, pois a alegria é expansão do pensamento. Só é possível se sentir nesse estado quando somos tocados - no sentido de afecção. Quando, por exemplo, reconhecemos em uma música um encontro de sensações que possibilita descobertas, identificamos que o balançar nos carrega para um dançar, e nesse se deixar levar, o corpo transcende. Porém, esse estado só é possível na relação com o outro, em momento de partilha.

Os pequenos encontros nos quais o corpo pode estar pleno, a vitalidade surge como uma fonte de expansão. Michel Serres (2001), ao tratar sobre o processo de conhecimento, ao relatar momentos de dificuldade, afirma que “não há nada no

conhecimento que antes não tenha sido liberado pelos sentidos. Quando eles se enrijecem, adeus matemáticas. (...) A condição sensível do trabalho de conhecimento está num quarto quente” (SERRES, 2001, p. 323). Somos mobilizados quando estamos em locais acolhedores. Isso não só vale para o âmbito do conhecimento intelectual, mas igualmente para o âmbito sensível da expansão corpórea.

Quando nos deparamos em uma sala, procuramos a segurança daquilo que condiz com a nossa familiaridade, com os nossos desejos, com situações que nos permitam estar presente naquele ambiente. Podemos identificar em um exercício quando um aluno que está em processo de investigação, se encontra em outro colega, assim, as diferentes possibilidades surgem a partir da troca, vendo-se um ou outro. O corpo se sente explorador, expansivo, apto para estar em presença quando encontra os afetos de vitalidade – nesse caso, a sala de aula, colegas e professora.

José Gil (2004) apresenta para compor o seu raciocínio o autor Daniel Stern, em uma passagem que trata sobre a vitalidade nos afetos, ele descreve,

A dança moderna e a música são exemplos por excelência da expressividade dos afetos da vitalidade. A dança revela ao espectador-auditor múltiplos afetos de vitalidade bem como sua variação, sem remeter para a intriga ou para sinais de afetos categoriais de onde poderiam derivar os afetos de vitalidade (STERN apud GIL, 2004, p. 87).

Stern (*apud* GIL, 2004) trata dos “afetos categoriais”, referentes à alegria, medo, surpresa, ele apresenta aquilo que é derivado dos afetos de vitalidade. Quando não se é um expectador com um olhar familiarizado para observar uma dança, procuramos uma significação para aquilo que está acontecendo, mas caso o significado não seja inteligível, corremos em direção para aquilo que nos afeta, nos apresenta um sentido sensível. Porém há casos em que o expectador por não se reconhecer na apresentação que observa, pode não chegar ao sensível e torna o momento como um acontecimento frustrado perante a apresentação. Podendo assim, reconhecer ou não as diferentes possibilidades dos fetos de vitalidade. O que torna fundamental a posição do arte-educador para compor esse pensamento sobre o sensível, para enfatizar que o corpo do ator, bailarino ou aluno, o que realmente interessa são,

Os gestos e movimentos desdobrados pelos afetos de vitalidade, pois não precisam ser explicados para serem compreendidos: contêm em si o seu sentido e seu dispositivo de descodificação (que não é senão o seu próprio desdobrar-se). (GIL, 2004, p. 87)

O movimento em si, não precisa ser comunicativo, não precisa “passar” uma mensagem. Quando tratamos de movimento em si, expressivamente ele diz muito, é o

diálogo entre corpo e mundo, encontro infinitamente atravessado por aquilo ou aqueles que o norteiam, é capaz de afetivamente aumentar sua vitalidade. Gil (2004) quando aborda essa questão afirma que “os afetos de vitalidade exprimem a potência de vida de um afeto, a força de afirmação da vida, assemelhando-se nesse aspecto ao *conatus* de Espinosa” (GIL, 2004, p. 87). Tal afirmação permite compreender que só é possível que ocorra a expansão dos movimentos no mundo em estado de alegria.

Nesse sentido, a vitalidade do afeto, assim como alegria, possibilita ao corpo expansão em movimento, gesto, a partir da interação com o outro e consigo em relação ao mundo.

Assim sendo, a pesquisa decorrente dos afetos de vitalidade a partir de uma percepção, gera questionamentos em relação às novas mudanças devido ao momento pandêmico. Muitos encontros ocorreram de forma síncrona, acarretando instabilidade nas relações e interações entre alunos e professores. A visibilidade dos corpos, a imprevisibilidade dos gestos, o diálogo, o toque entre pessoas, que anteriormente, na presencialidade, geravam momentos de expansão, reflexão, alegria, vitalidade, aos poucos torna esses sujeitos menos receptivos às situações as quais são expostos.

Acompanhar esses corpos em busca da alegria de sua expressividade em distintas formas de interação – presencial e virtual – amplia o mundo da educação. O âmbito escolar foi, é, um local de bastante rigidez quando se trata de ensino. Como se nossos corpos fossem obrigados a entender, conhecer apenas fragmentados pela “mente”, separando o corpo daquilo que é inseparável. Por isso, o entendimento de que a alegria é capaz de nos ampliar enquanto pessoas em movimentos, para além da “alegria” momentânea, mas sim, de uma alegria vital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Arte Educação; Alegria; Movimento.

## **REFERÊNCIAS**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GIL, J. **Movimento Total: O Corpo e a Dança**. São Paulo, Iluminuras, 2004.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados I**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.